

CONTRIBUIÇÃO À BUSCA DE UM PROJETO PEDAGÓGICO

Fernando César Capovilla

Aluno do Instituto de Psicologia – PUC/CAMPINAS

Até que ponto pode a aplicação da Psicologia subjazer ao seu ensino na ausência de um Projeto Pedagógico ?

Assim como cada um de nós abriga, de maneira mais ou menos consciente em cada um dos estágios da vida acadêmica, expectativas em relação ao curso de Psicologia, este por sua vez, nas pessoas que o compõem, entende aqueles que o buscam de uma determinada forma, abrigan-do também expectativas em relação a eles.

A identificação dessas expectativas do “curso” em relação aos seus alunos nos possibilita uma abordagem compreensiva e crítica para a consideração da maneira pela qual ele é planejado e efetivado.

Perscrutar no atual planejamento e execução do curso a intencionalidade integradora (ou a sua ausência) a ele subjacente é buscar delinear precisamente a sua personalidade, o projeto pedagógico e as opções filosóficas que norteiam seu atual eixo de ação. E sendo essas ações, no mais das vezes, assistemáticas, desconstruídas e pouco eficazes, o quadro que se nos apresenta é o de uma personalidade obscura e pouco integrada, de um eixo multipartido que mergulha tortuosamente em contradições não resolvidas, de um projeto fragmentado e indefinido.

Urge, portanto, identificar nosso atual estado e posição para que, a partir de nossas condições objetivas e possibilidades reais e cientes daquilo que almejamos, possamos delinear precisamente a direção do curso a seguir.

E para isso, num primeiro tempo, faz-se necessário propor uma questão inicial: em que sentido a Orientação do curso (e todos nós que o fazemos) considera aquele a quem se dirige ? Em última instância, para quem é ele planejado e aplicado ? Ao **aluno**, considerado apenas em suas necessidades intelectuais estritas de informação, apreensão de conceitos, teorias e técnicas psicológicas; ou à **pessoa integral** — cuja realidade humana extrapola sua condição de aluno — considerada amplamente em suas necessidades psicológicas básicas, e como personalidade em consolidação, enquanto sede integradora de todos os seus comportamentos e atitudes ?

Sabemos da realidade global e sistêmica que é o ser humano, e do fato de ser praticamente impossível lidar com ele visando apenas a um aspecto sem comprometer todo o sistema. Entenda-se, portanto, a dicotomia proposta como relativa a discriminação de prioridades.

Se se visa ao aluno no aspecto intelectual estrito, sem preocupação quanto aos possíveis efeitos deletérios da própria atuação sobre seu caráter e personalidade, torna-se menos incompreensível que os diplomados que conosco convivam transmitindo seus conhecimentos e experiência, assim o façam unicamente na posição estrita de **professores** de Psicologia, e não de **psicólogos educadores**. E no entanto, a menos que o ato de compreender seja ação transformadora embrionária, a mera inteligência acerca dos porquês de uma situação de sofrimento não reduz em nada a dor que esta impõe. E essa dor persiste, já que persiste também por parte de todos a negligência quanto a tudo humano que não se restrinja ao cumprimento estrito de programas prefixados e de compromissos acadêmico-burocráticos, numa visão pobre de ser humano — que se concretiza na formação de pobres seres humanos — num desequilíbrio doloroso que, crônico, torna-se deformante.

Já, se visa à pessoa integral em seu aspecto **formativo** e não apenas formal — como implícito nos termos adotados: “Curso de **Formação de Psicólogos**” — torna-se absolutamente indesculpável que os diplomados que conosco convivam (e aos quais de certo modo nos encontramos submetidos, posta a tendência e/ou possibilidade de utilizar os instrumentos de avaliação de conhecimentos e outras “atribuições pedagógicas” como recursos disciplinares em determinadas situações difíceis, como recursos para o exercício do poder e manutenção do controle) o façam apenas enquanto professores (expositores e corretores) e não na dimensão ampla de psicólogos educadores.

Assim, enquanto o professor burocrata restringe sua atenção à sua exposição do conteúdo programático e à introjeção, retenção e evocação deste por parte dos alunos (os quais, ao assim fazer, fazem-no e a si mesmos ao molde do professor, num sistema em que o padrão de avaliação não é a natureza do conteúdo pessoal próprio, mas as dimensões cúbicas da capacidade de conter dados alienígenas introjetados — em outros termos, quanto maior o vazio de si em si mesmo, maior o sucesso potencial...; em que o valor não é a proficiência da atividade autônoma, mas a docilidade e submissão à heteronomia onipresente); o educador — e em especial o psicólogo educador — amplia sua esfera de preocupações no reconhecimento de sua relação de **compromisso** para com a pessoa, que se faz humana antes de aluna, assistindo-a na compreensão de si mesma e de sua inserção na realidade circundante para que, a partir da consciência renovada de suas próprias possibilidades e das oportunidades fornecidas pelo meio social, possa optar pela melhor forma de realizar-se e ao seu projeto pessoal próprio, e de engajar-se conscientemente em projetos sociais mais amplos, conciliando consciência profissional e histórica.

Desta forma, a atuação do psicólogo educador estende-se ampla e coerentemente em diversos níveis, como cabe a quem lida com o lidar

humano. Sua atitude e disposição permanentes em assistir e promover cada educando enquanto personalidade ímpar em formação e participante de todo um contexto humano complexo, refletem sua opção humanista e consciência psicológica básica; e não estão de modo algum em oposição à sua condição de oprimido, uma vez que crê na potencialidade transformadora de seu trabalho diário. Assim, embora portador de problemas não menos profundos, premido por exigências não menos urgentes e participante desse mesmo contexto humano e social, esforça-se ele por, antes de tudo, **apresentar-se** como realidade humana, sem nunca permitir com que o peso da responsabilidade e do cotidiano o leve a abdicar de suas proposições, à opção mais fácil de reduzir o psicólogo educador ao professor burocrata, perdendo-se o homem com sua razão, personalidade e sensibilidade por detrás do papel caricatural que representa.

Assim, o psicólogo educador interessa-se primordialmente pela formação humana daqueles com quem interage, formação esta inapreensível e irrealizável se vista ou promovida apenas da óptica estreita do verbalismo. Avalia seu trabalho acompanhando a aprendizagem evolutiva autêntica de seus educandos, não do ponto de vista da beleza ou fidelidade do **discurso** que reproduzem, mas da **assunção de posições** definidas — e da responsabilidade pessoal imanente a essa assunção pública — que reflete a autenticidade de uma transmutação evolutiva de suas atitudes e personalidade, a conquista própria de um estágio maduro que se exprime na manutenção serena e firme de uma postura corajosa e coerente diante da Existência.

É o psicólogo educador coerente, e por isso acredita naquilo que propõe em termos teóricos, e age segundo crê. Não hesita em pôr à prova da vida seus conhecimentos. Sabe que as teorias nascem da vivência prática e que se não puderem resistir a ela, então de nada valem. Está sempre disposto a aprender dos e pelos próprios erros. Não ignora também que em qualquer processo educativo — quer seja o educando receptáculo passivo das informações, quer agente do próprio processo — há formação (mesmo a deformação é um tipo de formação), que as identificações estão sempre ocorrendo (mesmo que os modelos disponíveis sejam, além de sua aparência, algo não propriamente humano), e que a principal mensagem, antes do próprio conteúdo ensinado, é o meio pelo qual se educa, numa compreensão da natureza essencialmente **metacomunicativa** do ensino de Psicologia.

Tendo em mente as considerações que traçamos nos parágrafos anteriores, podemos agora considerar sob novo prisma o fato de que nosso curso forma psicólogos e então perguntar a nós próprios — olhando mais atentamente à nossa volta — que psicólogos têm sido formados por ele.

Analisando em termos específicos, lembremo-nos de que as identificações fazem-se dia a dia, e assim o é com base nos modelos dispo-

níveis. E quais são esses modelos ? Professores que reduzem sua realidade ao seu papel, que “professam” apenas, mas que não agem em prol e de acordo com aquilo que professam; ou verdadeiros mestres, psicólogos educadores humanos e coerentes ? São seres impalpáveis e distantes, cindidos entre um eu teórico e um eu prático, entre um eu que expõe teorias e outro eu que age como se não as conhecesse; ou são **companheiros** presentes, coesos, integrados e ativos ?

E sob que condições materiais concretas trabalham esses professores ? Dispõem de tempo para planejar e executar trabalhos novos e pesquisas; ou são premidos por um regime injusto e extorsivo de contrato por hora-aula ? (a ponto de — se dependerem da carreira universitária para sobreviver — terem de “dar” tantas aulas que acabam de acabar-se, na condição de meros repetidores de conteúdos anacrônicos e alheados da realidade cultura própria). Dispõem de bibliotecas completas e atualizadas com as mais recentes publicações especializadas de todo o mundo; ou, além de extremamente deficitária a biblioteca, suas publicações mais recentes estão com defasagem superior a uma década em relação às últimas pesquisas realizadas ? Dispõem de verbas suplementares e equipamento apropriado para pesquisa; ou não há verbas, e o equipamento disponível é irrisório, obsoleto e imprestável ? Dispõem dos mais modernos recursos audiovisuais para o enriquecimento das aulas, ou o único recurso de que dispõem é o apelo para a imaginação de seus alunos ?

E quanto ao tamanho das turmas com que têm de lidar ? São elas pequenas, de modo que possibilite a cada um se desenvolva e seja tratado pelo professor enquanto individualidade portadora de nome e características próprias; ou constituídas de mais de setenta (70) individualidades apinhadas em espaço restrito demais para que com elas caibam suas individualidades (individualidades essas reduzidas a nada além de fragmentos de massa heterogênea de setenta alunos, cujo ritmo de desenvolvimento é sempre a expressão da média nivelada por baixo) ?

Talvez a melhor resposta para essas indagações esteja estampada nas fisionomias, expressa nos comportamentos (e/ou na sua ausência) e delineada nas atitudes daqueles que conosco compartilham a realidade de estudantes de Psicologia. E quiçá mais do que nesses aspectos, a resposta esperada, o **afrontamento autêntico** à realidade presente, ainda esteja por ser descoberta, partejada do convívio sincero e problematizador de todos aqueles que, ao sofrer as conseqüências dolorosas de uma situação crônica, investem esperança e atos para a sua transmutação; e assim, em vez de aquietar-se passivamente a um canto qualquer, ou de gritar inutilmente “Abaixo” aos quatro ventos, buscam levantar suas mãos para edificar aqui e agora o monumento à (e de) sua fé.

E então, ao recobrar-se a **dimensão afetiva**, de identificações humanas construtivas no relacionamento educador-educando, talvez a res-

posta à pergunta básica "Por que a aplicação da Psicologia não subjaz ao seu ensino?" possa nascer por si mesma de nosso convívio diário, acabando assim com essa dissonância dilacerante: Será por que nossos conhecimentos, além de importados — e, portanto, desadaptados e alheios à compreensão de nossa sofrida realidade cotidiana — ainda são demasiado rudimentares e anacrônicos? Sendo assim, ao nos estarmos adaptando progressivamente a uma realidade inexistente, a um universo alegórico falsamente construído, em que sentido (além do onírico, enquanto realização fantasiosa de desejo) podemos alimentar a esperança de promover o nosso próximo, incompreendido mas real, dentro de um contexto limitado e estranho?

Ou será porque os princípios e opções filosóficas que norteiam nossas atuações e regem nossa conduta acadêmica e intelectual são contraditórios entre si e mutuamente excludentes? Neste caso, nosso curso, com sua personalidade cindida em tantos aspectos incompatíveis uns aos outros, o que pode dizer ele, por exemplo, do estado esquizofrênico, além de exemplificá-lo de maneira dramática?

Urge, portanto, delinear os contornos de nossa face antes que já não nos possamos reconhecer; antes que, feito personagens de Machado de Assis ("O Espelho"), procuremos um dia nossa imagem diante de nosso próprio espelho interior — numa sincera reflexão — e só enxerguemos títulos e diplomas, a nos abrigar da experiencição dilacerante da própria ausência e inconsistência. Urge que optemos conscientemente e que lutemos na construção renovada do que nos é de direito: uma formação humanista coerente e responsável que estimule e promova a criatividade, a sensibilidade, a dedicação e a coerência entre as palavras e os atos, para que recobremos nossa dimensão humana e nos tornemos algo mais que os personagens de 1979 — quando, então, sequer nos apercebemos do profundo desespero que tomava conta de um de nossos colegas, permitindo-lhe assim com que, só e desamparado, buscasse na morte o abrigo que não soubemos lhe dar em vida.

Que isso não se repita e que nos superemos enquanto corpo comunitário pela identificação e busca das raízes profundas de nossa desintegração organizacional patológica, de que o suicídio de Arlindo e tantas outras expressões de desequilíbrio verificadas em nosso meio não são mais do que manifestações sintomáticas. E o primeiro passo é, como nos parece, delinear o nosso perfil naquilo que queremos: um Projeto Pedagógico coerente e integrador, capaz de organizar e fazer orbitar todas as disciplinas e atuações (até então isoladas, desencontradas e mesmo incompatíveis) em torno de um eixo filosófico uno e unificador, e cujo sentido, por todos optado e compreendido, nos conduza ao homem integral e integrado em seu contexto próprio.

E assim, cientes de onde nasce o Sol, e de que os caminhos se fazem apenas ao caminhar... para onde vamos? A responsabilidade — até por estacar e criar raízes na areia — é, mais do que nunca, inteiramente nossa. Que saibamos corresponder a ela.